

Ticunas e posseiros matam-se pela terra do Solimões

José Rezende Jr.

ALTO SOLIMÕES, (AM) — Alguém gritou: "Lá vai bala". Eram 12h30min do dia 28 de março quando o ticuna Natalino Joaquim recebeu a primeira carga de chumbo, disparada por um rapaz civilizado de 15 anos. Foi o primeiro a morrer. Três horas de combate depois, quatro ticunas estavam mortos, 10 desaparecidos e 23 feridos, entre homens, mulheres e crianças. Foi a mais sangrenta de todas as batalhas da guerra de esfarrapados que se arrasta há vários anos no Alto Rio Solimões: de um lado, índios pobres; do outro, ribeirinhos civilizados e miseráveis.

Uma guerra que o comandante militar da Amazônia, general Mário Sampaio, insiste em minimizar. "É só uma briga de vizinhos", diz. Mas, silenciosa ou explícita, há, de fato, uma guerra em curso. Uma guerra de maltratilhos e esfarrapados, pólvoras do mesmo barril que carrega outros elementos de alto poder explosivo: Forças Armadas, polícia, Igreja e a atônita e insatisfeita elite político-econômica da região.

"Ou nos organizamos ou seremos esmagados", conclama o prefeito de Atalaia do Norte, Sidnei Castelo Branco, sobrinho do madeireiro Oscar Castelo Branco, acusado de mandante da chacina do Capacete, localidade que faz limite com a área indígena São Leopoldo, município de Benjamin Constant, que está internado em uma clínica da cidade com problemas cardíacos sob custódia da Polícia Militar.

Mais de um mês depois do massacre, os ticunas ainda choram sua dor e exibem as cicatrizes. A indiazinha Leila, de 6 anos, estava com mais 10 num barco fuzilado. Seus companheiros foram considerados "desaparecidos". Ela tem 12 perfurações de chumbo espalhadas pela

cabeça raspada. Naquela tarde do fim de março, fingiu-se de morta e escapou viva.

As celas da Delegacia da Polícia Federal em Tabatinga guardam sete dos 11 primeiros acusados pela matança dos índios. Perfilados para a fotografia, surpreendem aqueles que esperavam encontrar perigosos assassinos com o frio brilho no olhar. "Não são bandidos, são apenas colonos que lutam para sobreviver", havia avisado o coronel Seixas, que até a semana passada chefiava o 1º Comando de Fronteiras do Solimões, que o Exército mantém estacionado em Tabatinga.

Miséria — Cabeças baixas, olhos vermelhos, trêmulos, dizem que mataram por medo de um ataque dos índios à terra que cultivam, mas que nem sequer lhes pertence. São terras de Castelo Branco. São todos tão pobres quanto, por exemplo, os 1.500 ticunas da aldeia Umariá, próximo a Tabatinga. Lá, o atendente de enfermagem da Funai, o ticuna Oscar Pinto, chega a arrancar 80 dentes podres num único dia. Faltam dentes também aos ribeirinhos.

"Brasileiro não vale nada. Quem tem valor é ticuna", desabafa dona Luzia Garcia, 65 anos, que teve de deixar para trás, com roça e tudo, a terra onde nasceu e sempre viveu, na ilha Bom Intento, perto de Tabatinga, porque a Funai incluiu na demarcação da área indígena. Dona Luzia foi morar dois quilômetros acima, numa palafita que mais parece cenário de cinema: só tem tábuas servindo de parede na parte da frente.

Apesar de tudo, o índio Pedro Mendes, secretário do Conselho Geral da Tribo Ticuna (CGTT), combativa e combatida entidade que congrega a liderança do mais numeroso povo indígena do país — 20 mil índios, 10% da população indígena total do Brasil —, reconhece que a guerra não é, ou pelo menos não deveria ser, entre os pobres e os pobres.



Dona Luzia mora numa palafita sem cômodos depois que a Funai a retirou de onde nasceu e criou os filhos

Todos são contra a Funai

A Funai consegue ser a única unanimidade possível nesse conflito que envolve tantos interesses diversos. É, simultaneamente, atacada por todos os lados: índios, ribeirinhos, Igreja, políticos e até pela Polícia Federal, que a acusa de ser tutelada por quem deveria, por princípio, tutelar. Mantendo-se num equilíbrio quase impossível, o técnico indigenista Valmir Torres, administrador regional da Funai em Tabatinga, com jurisdição sobre toda a região e uma experiência de 19 anos, vai tocando o barco. "Essas pressões são normais numa situação como essa", comenta.

Quando à utilização dos ticunas como massa de manobra de quem quer que seja, o líder geral dos 20 mil ticunas, Pedro Inácio Pinheiro, rebate de imediato.

Para o presidente da Associação dos Vereadores do Alto Solimões, José Henrique Oliveira, a insistência do órgão tutor dos índios em demarcar terras indígenas — dos 1 milhão 256 mil 049 ha reivindicados pelos índios, a Funai demarcou apenas 103.350 ha —, estaria decretando a falência do extrativismo na região. "Vamos tirar madeira de onde, se tudo é terra indígena?", pergunta o vereador, sócio de uma serraria juntamente com seu pai, o prefeito de Benjamin Constant.

Segundo ele, há um estranho fenômeno no Alto Solimões, conhecido como "a placa que anda". Na sua busca incansável por mais terra, denuncia o vereador, os ticunas se habituaram a arrancar as placas da Funai que delimitam ou demarcam áreas indígenas e ir avançando com elas, para engolir as terras dos brancos. Acrescentando outra versão à polêmica das placas, os ticunas afirmam que são os civilizados que têm o costume de atirar nelas, arrancá-las e afogá-las nas águas do Solimões.

Mas, ao lado da questão econômica que o avanço da placa pode representar, figura um novo complicador para a elite política do Alto Solimões: o poder eleito-

ral dos ticunas. Eles representam, hoje, de 20% a 30% do eleitorado dos sete municípios do Alto Solimões (Benjamin Constant, Tabatinga, Atalaia do Norte, São Paulo de Olivença, Santo Antônio do Itá, Amaturá e Tocantins).

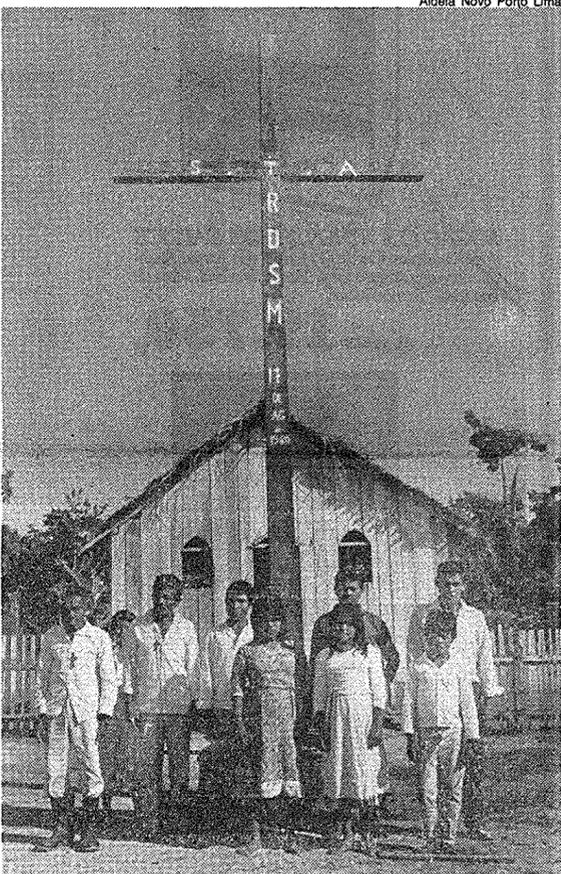
"Rádio Cipó" — Os ticunas vão invadir Benjamin Constant a qualquer momento. Ou, na melhor das hipóteses, envenenar a caixa d'água da cidade. São apenas alguns dos boatos que circulam pela *Rádio Cipó* — a tradicional conversa ao pé do ouvido — desde o massacre do Capacete. Depois disso, um ticuna já apunhalou e matou, na saída do Clube Havaí, em Tabatinga, um jovem civilizado que o teria insultado. Na mesma noite, como vingança, 20 civilizados começaram a linchar outro ticuna, que nada tinha a ver com a história. Só não o mataram porque um agente da Polícia Federal passava por ali na hora e deu tiros para o ar.

No início da semana passada, a Polícia Militar em Benjamin Constant apreendeu dois quilos de farinha contendo pedacinhos de vidro, cuja venda se atribui aos índios. Não há provas da autoria do atentado e o administrador regional da Funai, Valmir Torres, acha que alguém está querendo incriminar os ticunas. "Se a produção de farinha é a base da economia ticuna, como poderiam eles sabotá-la?", argumentou Valmir.

Lógica à parte, no entanto, o barco *Cambeba* — homenagem póstuma a uma das muitas tribos extintas do Alto Solimões —, da aldeia de Betânia, depois de viajar quatro dias pelo Solimões, teve sua carga de 500 kg de farinha recusada por tradicionais compradores de Benjamin Constant. Como represália, 31 líderes ticunas reunidos em assembleia na aldeia Porto Novo Lima, no dia 23, decidiram responsabilizar, com ofício à Polícia Federal, o prefeito João Correa de Oliveira e paralisar a venda de farinha para Benjamin e Tabatinga, tentando, através da Funai, colocá-la diretamente no mercado de Manaus. (J.R.J.)



"A placa que anda" muda limites conforme interesses



A seita conservadora Santa Cruz impôs seus hábitos

Idioma não tem palavra "problema"

Auto-denominados *maguta* (que significa, de acordo com sua mitologia, povo pescador), os ticunas, a mais numerosa tribo indígena brasileira, têm 5 mil irmãos na Colômbia e outros 5 mil no Peru. Espalham-se em 67 aldeias ao longo do rio Solimões, numa faixa de aproximadamente

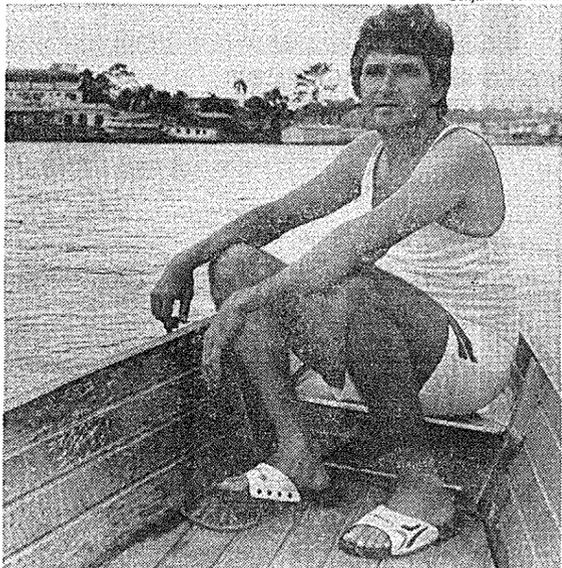


400 quilômetros entre os municípios de Tabatinga e Tocantins.

Fazem questão de manter vivo o seu idioma próprio, o ticuna, uma língua isolada, de grande musicalidade, graças à variedade de tons. O idioma ticuna incorpora hoje algumas palavras do português, que não têm correspondente na língua natal. Como "problema", por exemplo.

Foram contactados na segunda metade do século 17 pelo padre jesuíta Samuel Fritz. Viviam originariamente mais para o interior dos igarapés; com o ciclo da borracha, no final do século passado, foram atraídos mais para perto do Solimões e explorados como mão-de-obra no extrativismo.

Hoje, sua principal base de sustentação econômica é a produção de farinha e banana, que vendem para os civilizados. Têm 65 escolas (4 mil 500 alunos) em que atuam 149 professores, todos ticunas bilingües que ensinam, ao lado de matérias tradicionais, a história do povo *maguta*, antes e depois dos civilizados. (J.R.J.)



Vereador José Henrique se queixa do rigor da Funai

Seita impediu a retaliação

Há uma crença generalizada entre os líderes políticos da região de que os ticunas não reivindicaram de forma sangrenta ao massacre de que foram vítimas graças, acima de tudo, à Santa Cruz, uma seita conservadora que prega a resignação e proíbe a bebida, a dança, o adultério e as festas. Com um rebanho de 20 mil fiéis na Amazônia, a maioria ticuna, a Santa Cruz consegue o que antes parecia impossível: afetar a cultura da maior tribo indígena brasileira, que sobrevive a 300 anos de contato com a civilização.

Tudo começou no início da década de 70, quando um homem matou a mulher a machadadas no interior de Minas e, como penitência, começou a andar pela Amazônia, numa pregação alucinada, arrastando uma cruz de 13kg e anunciando milagres a seus seguidores. Espécie de Antônio Conselheiro da Amazônia, mas sem o conteúdo libertário do controverso nordestino, irmão José da Cruz andou até o Peru e acabou virando personagem do livro *Pantaleão e as Visitadoras*, de Mario Vargas Llosa, que mais tarde escreveu também *A Guerra do Fim do Mundo*, sobre a epopéia de Canudos.

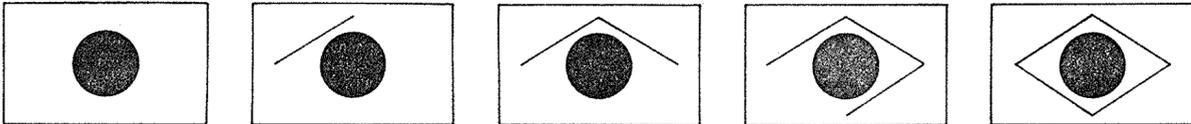
"Tinha um carisma impressionante, mas era completamente louco. Usava uma batina comprida, imunda. Piolhos passavam de uma sombrancelha a outra e

infestavam suas barbas e cabelos, enormes e brancos", descreve o vereador José Henrique, ex-chefe do posto indígena ticuna Nova Itália, que em 1981 foi convocado para um encontro com irmão José. O pregador comunicou-lhe que, por ter sido visto num sonho em que aparecia sentado em uma nuvem, acabava de ser nomeado seu sucessor. O atônito José Henrique conseguiu escapar da missão, mas acabou indispondo-se com o SNI, que o queria infiltrado na seita que preocupava os órgãos de segurança.

Irmão José da Cruz morreu em 85, na comunidade que criou, perto de Santo Antônio do Itá. Mesmo desfalcada do seu grande líder carismático, a Santa Cruz continua forte, capaz de fazer com que seus seguidores sejam fiéis à pregação, usando roupas longas e compridas com cruzeiras pintadas e crucifixos atados ao pescoço ou à cintura. Tudo isso sob um calor de mais de 38 graus.

Para os antropólogos, é surpreendente e contraditória a aceitação da Santa Cruz pelos ticunas, tão zelosos de suas tradições a ponto de, até hoje, praticarem só os homens falarem o português, e ainda assim por absoluta questão de sobrevivência num mundo que já não é deles. (J.R.J.)

80 ANOS DE IMIGRAÇÃO JAPONESA



Sabemos melhor do que ninguém como este povo e seus descendentes estão em casa.



• Rio • Niterói • São Paulo • Belo Horizonte • JULIO BOGORICIN IMÓVEIS • Porto Alegre • Brasília • Salvador • Florianópolis.

U. F. R. J. ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY

Curso de especialização em enfermagem do trabalho. Carga horária: 630 horas. Início: 31/05/88. Informações: 224-9351/ 224-1045

FLAVIO RANGEL AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA.

PROSA E VERSO

JORNAL DO BRASIL